

# COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (CEBS) EM MATO GROSSO/BRASIL: COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS CULTURAIS

BASE ECCLESIAL COMMUNITIES (CEBS) IN MATO GROSSO/ BRAZIL: COMMUNICATION AND CULTURAL PRACTICES

COMUNIDADES ECLESIALES DE BASE (CEB) EN MATO GROSSO/ BRASIL: COMUNICACIÓN Y LAS PRACTICAS CULTURALES

## Gibran Luis Lachowski

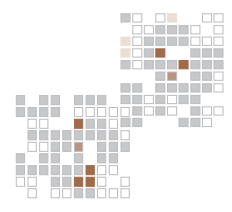
■ Gibran Luis Lachowski é doutorando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente do Departamento de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e mestre em Estudos de Linguagens.

■ E-mail: [prof.gibranluis@gmail.com](mailto:prof.gibranluis@gmail.com)

## Yuji Gushiken

■ Yuji Gushiken é docente no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-doutor em Comunicação na Universidade Federal do Ceará (UFC). Tem publicado artigos em periódicos e livros no Brasil, Alemanha, EUA, China, México e Chile.

■ E-mail: [yug@uol.com.br](mailto:yug@uol.com.br)



## RESUMO

No modelo de estudos da comunicação como cultura e na perspectiva da comunicação como ritual, analisa-se neste artigo duas práticas recorrentes nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica no Brasil: culto aos mártires e mística espiritual, observadas em pesquisa de campo no estado de Mato Grosso (2017-2020). Nas CEBs, as práticas culturais mostram uma dimensão comunicacional que conjuga religiosidade e política. A emergência das CEBs nos anos 1960 reflete a luta contra a ditadura militar, quando passaram a se envolver com movimentos sociais pela cidadania e subjetividade, com eles atuando e se confundindo.

**PALAVRAS-CHAVE:** CEBs; COMUNICAÇÃO RITUAL; COMUNICAÇÃO COMO CULTURA; PRÁTICAS CULTURAIS.

## ABSTRACT

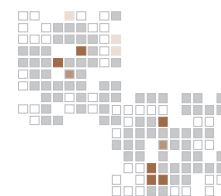
In the model of studies of communication as culture and in the perspective of communication as ritual, this article analyzes two recurrent practices in the Ecclesiastical Base Communities (CEBs) of the Catholic Church in Brazil: cult of martyrs and spiritual mystique, according to field research in the state of Mato Grosso (2017-2020). In CEBs, cultural practices show a communicational dimension that combines religiosity and politics. The emergence of CEBs in the 1960s reflects the fight against the military dictatorship, when they started to dialogue with social movements of citizenship and subjectivity, acting and merging with them.

**KEYWORDS:** CEBs; COMMUNICATION RITUAL; COMMUNICATION AS CULTURE; CULTURAL PRACTICES.

## RESUMEN

En el modelo de estudios de la comunicación como cultura y en la perspectiva de la comunicación como ritual, este artículo analiza dos prácticas recurrentes en las Comunidades Eclesiales de Base (CEB) de la Iglesia Católica en Brasil: el culto a los mártires y la mística espiritual, según investigación de campo en el estado de Mato Grosso (2017-2020). En las CEBs, las prácticas culturales tienen una dimensión comunicativa que combina religiosidad y política. Su aparición en la en la década de 1960 refleja la lucha contra la dictadura militar, cuando se involucran con movimientos sociales de ciudadanía y subjetividad, actuando y confundiéndose.

**PALABRAS CLAVE:** CEB; COMUNICACIÓN RITUAL; COMUNICACIÓN COMO CULTURA; PRÁCTICAS CULTURALES.



## 1. Tema central e objetivos

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica surgiram nos anos 1960 no Brasil, sob o signo do Cristo libertador e da militância contrária às ditaduras que se instalavam na América Latina. Desde aquela década, e já neste século XXI, mostram resiliência e capacidade criativa, produzindo sua existência de um modo paradoxal: de baixa visibilidade junto à sociedade de modo geral, mas apresentando internamente um sem-número de atividades que dotam seus valores de sentido.

A representação do Cristo libertador corresponde a uma interpretação recorrente nas CEBs quanto a Jesus de Nazaré. Sua vida é tomada como exemplo de enfrentamento às injustiças sociais e marginalização cultural contra pobres, enfermos, mulheres e outras parcelas fragilizadas na sociedade palestina de dois mil anos atrás. Ao mesmo tempo, sua conduta é vista como força divina capaz de estimular a abertura de caminhos para a superação destes males e transformação desta realidade.

Em uma definição recorrente, CEBs são grupos voltados à paróquia (urbana) ou à capela (rural), liderados por leigos e leigas, padres e freiras, identificados pela religião e pela classe social (trabalhadora), que socializa problemas e propostas de solução (Betto, 1985). As CEBs, nestes 60 anos de existência, vêm dialogando com novos sujeitos sociopolíticos e culturais. Hoje estão presentes em 20 países das Américas<sup>1</sup>, por meio de uma Articulação Continental e, no Brasil, nos 26 estados e no Distrito Federal.

Historicamente, as CEBs produziram e desenvolveram práticas culturais, promovendo relações de apoio mútuo com distintos movimentos

sociais, evidenciando a constituição de uma interface entre cultura e política. O aspecto político no campo cultural implicou em uma indiscernibilidade entre o que seriam enunciados próprios das CEBs e o que lhes é discursivamente exterior, na medida em que essa exterioridade dos movimentos sociais conecta religiosidade, cidadania e subjetividade.

Nesta segunda década do século XXI, as CEBs manifestam-se através de trabalhos religiosos comunitários, parcerias com pastorais sociais, organismos e diversas iniciativas de apoio a grupos minoritários: indígenas, migrantes, pessoas em situação de rua, mulheres marginalizadas, juventude de periferia e população LGBT+.

Em sua discreta existência diante da sociedade civil, do Estado e dos governos (a partir dos anos 1990), as CEBs se projetam através de práticas culturais que designam sua relação, entre convergente e crítica, com a oficialidade católica. Desenvolvem um “modo de ser Igreja” junto à sociedade em geral e frente às políticas de Estado e de governos. As CEBs têm uma relação complexa com a instituição Igreja Católica, pois integram sua estrutura, mas defendem um modelo de atuação mais progressista.

A vinculação das CEBs com políticas da cidadania e da subjetividade ainda se configura como o lado mais visível dessas comunidades, o que se registra pela articulação com movimentos sociais e culturais, denotando o desenvolvimento de processos pautados pela construção da comunicação em seu modelo dialógico (Gushiken, 2006).

A designação de “Comunidades Eclesiais de Base” atualmente advém de práticas culturais que estruturam o plano simbólico e indicam, ainda que difusamente, o que são estas comunidades e como elas se expressam por meio de tais atividades, embora não apenas (Lachowski; Gushiken, 2019). Romarias em memória de mártires, marchas reivindicatórias, rituais espirituais, rodas de conversa, cafés da manhã em comunidade, rezas

<sup>1</sup> Brasil, México, Estados Unidos, Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Bolívia, Peru, Equador, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai, Venezuela, República Dominicana e Haiti.

e reuniões de líderes, missas ou cultos para públicos minoritários, leituras bíblicas e danças. Estas são, entre outras, práticas que constituem genericamente as atividades das CEBs, ainda que em cada região do país ganhem contornos próprios.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a dimensão comunicacional das práticas culturais no âmbito das CEBs, no contexto da realidade sociopolítica brasileira neste início de século XXI, pela observação em campo em quatro municípios do Estado de Mato Grosso, região Centro-Oeste do Brasil: Cuiabá (capital), São Félix do Araguaia (Nordeste do estado), Rondonópolis (Sudeste do estado) e Jangada (Baixada Cuiabana<sup>2</sup>).

## 2. CEBs: O que são, o que fazem

A existência das CEBs traduz-se por uma atuação que borra as fronteiras entre Igreja (instituição) e sociedade (mundo), enunciando uma concepção comunicacional que tende aos rituais, ao diálogo e à comunhão em nível comunitário. Esse fazer-existir se dá por meio de práticas culturais que evocam uma espiritualidade no/do cotidiano e que ensejam a transformação da realidade material.

Esse modo de ser considera, também, um terceiro elemento nas narrativas cotidianas, qual seja, “o próximo”, figura associada à parábola do bom samaritano, contada por Cristo para falar da empatia e da alteridade (Lc 10, 25-37). A constituição identitária das CEBs envolve espiritualidade, cultura e religião. Apesar da literatura científica consolidar o surgimento das CEBs no contexto da luta contra a ditadura (1964-1985), suas primeiras inspirações existiriam desde os anos 1940, via catequese popular e mobilização social (Teixeira, 1988), ou ainda no século XIX, pela tradição de religiosos peregrinos do semiárido nordestino (Malvezzi, 2012). Porém, a versão mais remota liga as CEBs ao cristianismo primi-

tivo, praticado pelos discípulos de Jesus logo após sua morte, como se lê em Atos dos Apóstolos (At 2, 42-45).

Nessa leitura, as CEBs não se configuram como movimentos sociais, mas dialogam com estes sujeitos sociopolíticos e culturais pelo menos desde os anos 1960. Este diálogo aparece no contexto do Concílio Vaticano II<sup>3</sup> e da Conferência Episcopal de Medellín<sup>4</sup>, que foram importantes impulsionadores de uma concepção de catolicismo mais próximo da realidade popular e da população socialmente marginalizada. Nesse sentido, as CEBs buscam manter-se como “modo de ser Igreja”, pautado no protagonismo de fiéis leigas e leigos e na sintonia com o clero progressista.

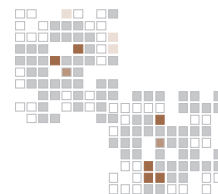
Essa opção atende pelo nome de “espiritualidade libertadora” e corresponde a uma interpretação bíblica que remete à ideia do Cristo libertador enquanto superação de alienações e opressões. Um Cristo situado na Palestina histórica, que não criou religião, foi morto e ressuscitou, performando uma amálgama sócio-histórica e transcendental.

Ao empreenderem esse tipo de espiritualidade, as CEBs cultivam um ambiente que se viabiliza por inúmeras práticas culturais, conjugando elementos de caráter próprio, do catolicismo popular e da religião oficial. Essas práticas compreendem rezas, missas, grupos de leitura bíblica e plenárias de debates. Festas de santo, caminhadas reivindicatórias, encontros e romarias em homenagem a mártires de causas sociais. Ações ecumênicas (entre religiões cristãs, geralmente envolvendo

2 Conjunto de municípios situado no entorno da capital do Estado.

3 Encontros de autoridades eclesiais (1962-1965) feitos no contexto de uma Igreja em forte debate interno que indicaram ser necessário: descentralizar e desclericalizar a prática da fé católica; e estimular a descolonização de um modelo religioso eurocêntrico mediante abertura às várias expressões culturais das comunidades.

4 Reunião de bispos latinos em 1968 na Colômbia, sob entusiasmo do Concílio Vaticano II, que defendeu, a “opção preferencial pelos pobres” e a importância da organização de fiéis em “comunidades de base”.



catolicismo e denominações protestantes) e atividades voltadas ao diálogo inter-religioso (entre religiões cristãs e expressões de outras matrizes, como Umbanda, Candomblé, Budismo e práticas espirituais indígenas).

Gohn (2019, p. 74-80) situa as CEBs até o terceiro ciclo histórico de participação social no Brasil, na década de 1980, caracterizada pela redemocratização, o que as dissolve na gama de sujeitos sociopolíticos e culturais presentes nas lutas populares das décadas posteriores. Vários trabalhos referendam essa visão, no rastro da organização popular, formação cidadã, importância da Teologia da Libertação<sup>5</sup> e do Concílio Vaticano II (Löwy, 1991; Beozzo, 1993; Barbosa, 2008; Marins, 2015).

Uma abordagem de pesquisa majoritariamente centrada em macronarrativas, reproduzida no campo da comunicação, centra foco em estudos sobre sistemas midiáticos comunitários e industriais. Essa abordagem minimiza ou não capta os fazeres cotidianos das CEBs e fortalece a ideia de que elas passam por um momento histórico de “invisibilidade simbólica”.

Se a visão macronarrativa ancorou as CEBs à simbologia das lutas sociais dos anos 1960, 1970 e 1980 e projeta um imaginário orientado por um exame conjuntural, notamos, em paralelo, um enfoque voltado à produção cultural cotidiana. Alguns exemplos: Domezi (2006) estuda a conformação do catolicismo popular de libertação junto às comunidades de base; Locks (2008) investiga relação entre CEBs e grupos de família;

---

5 De modo geral, a Teologia da Libertação estuda o ambiente religioso em suas múltiplas ligações com os campos do conhecimento, defende ideias e apresenta metodologias, como outras tantas teologias. Porém, conforme sua especificidade, concerne a uma reflexão teológico-sociológica elaborada com base na realidade da América Latina dos anos 1960/1970, bastante marcada pelas ditaduras militares, pelo imperialismo dos Estados Unidos e pela desigualdade social. Sendo assim, a reflexão da Teologia da Libertação se faz a partir da prática concreta de superação da situação opressiva pelos pobres e por seus parceiros neste duro processo.

Menezes (2010) toma CEBs como organizações horizontais em rede; Souza (2019) etnografa sacralização de lideranças via romarias martiriais.

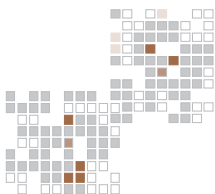
### 3. Marco teórico-metodológico

Este trabalho parte do modelo de estudos da comunicação como cultura, proposto pelo epistemólogo Venício Artur de Lima (2001). Neste modelo, a comunicação é “definida como significação oposta ao polo da transmissão, isto é, como compartilhamento” e busca a “compreensão (e não a formulação de leis) das representações e práticas culturais” (Lima, 2001, p. 49-50). A dimensão comunitária da vida social torna-se relevante na distensão teórica propriamente comunicacional, posto que os processos simbólicos se relacionam, no caso das CEBs, com práticas culturais.

Assim, pondera-se não como a mídia (de massa ou alternativa) representa as CEBs, mas como as CEBs, através de suas práticas culturais, se representam, dotando o campo comunicacional de práticas culturais como fonte de poder simbólico. A análise de caráter histórico-crítica argumenta a favor de se considerar o próprio campo cultural como dotado de seu potencial de produção de sentido.

Neste modelo, portanto, consideramos os aspectos rituais da comunicação, que se referem, segundo James Carey (1992), a elementos do cotidiano, como conversar, trocar ideias, promover um debate, fazer uma pergunta. Nada que se refira aos modernos meios massivos ou às mídias digitais. Para o autor, os rituais da comunicação se confundem com as práticas de produção de sentido potencializado com e apesar das condições modernizantes da vida contemporânea.

Consideramos o modelo de Carey como uma crítica à cultura enquanto difusão de informações, o que tem sido próprio da abordagem transmissiva e representante (quando não constituinte) da modernidade capitalista estadunidense



(quando não do amplo processo de ocidentalização do mundo). Neste sentido é que a comunicação como ritual argumenta a favor de um modelo calcado em trocas simbólicas, colocando-se contemporaneamente antes e além das abordagens hegemônicas no referido campo de pesquisa.

Neste trabalho, apresentamos as práticas culturais das CEBs como atualizadoras ou constituintes deste modelo comunicacional, na medida em que ele sugere um modo de existência simbólica potente como autoafirmação de um modo de vida. Essa autossuficiência das CEBs converte-se em distância quanto aos sistemas midiáticos de orientação hegemônica. Expressa, assim, uma posição crítica à comunicação como processo modernizador e busca, na maioria das vezes, alternativas com foco em audiências comunitárias, valorizando a artesanaria da mobilização e da articulação.

A opção metodológica neste artigo também se insere na interface de estudos referentes à relação entre CEBs e comunicação no Brasil. É o que podemos depreender do conjunto de trabalhos acadêmicos relativos à comunicação religiosa e à comunicação alternativa, popular e comunitária desenvolvidos desde a década de 1970 no país, como apontam levantamentos de Kunsch (2001) e Otre (2015).

Esses esforços de inventariar e analisar dissertações e teses feitas no contexto de programas de pós-graduação em Comunicação apontam uma perspectiva de pesquisa majoritariamente voltada a investigar a produção sociocultural das classes populares no âmbito midiático e sob contorno sócio-histórico, seja na concepção, reflexão, produção e gestão de meios e processos comunicativos.

Esses levantamentos mostram que os estudos sobre a comunicação das CEBs seguiram a mesma tendência. É neste sentido, portanto, que o enfoque da comunicação como ritual, observado no modelo de estudos da comunicação como cultura (Lima, 2001), pode contribuir epistemo-

logicamente nas investigações sobre comunicação nas Comunidades Eclesiais de Base.

Para a produção deste artigo, recorreremos à pesquisa de campo, lastreada pela descrição e interpretação dos dados produzidos e levantados. Baseamo-nos na observação participante, na medida em que buscamos significados pertinentes a realidades humanas vividas socialmente (Minayo, 2002). Nesta pesquisa de caráter qualitativo, tomamos o trabalho de campo como um “momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e construção de teorias” (Minayo, 2002, p. 26).

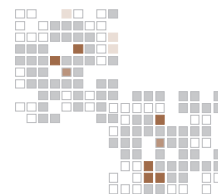
Acrescentamos, por fim, a importância da pesquisa bibliográfica (Fonseca, 2002), suporte ao qual recorreremos durante todo o processo de investigação e redação e a partir do qual aprofundamos o conhecimento quanto às CEBs, no que tange à sua história, identidade e modos de funcionamento, bem como nos aproximamos dos perfis investigativos acerca delas.

Por meio desse arcabouço teórico-metodológico, procedemos à análise comunicacional das práticas culturais das CEBs. Para tanto, ocupamo-nos das atividades desenvolvidas no estado de Mato Grosso, local onde residimos e desenvolvemos as pesquisas sobre as Comunidades Eclesiais de Base.

Em Mato Grosso, as CEBs estão organizadas a partir da divisão administrativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ou seja, em uma arquidiocese (Cuiabá) e em sete dioceses (Rondonópolis-Guiratinga; Primavera do Leste-Paranatinga; Barra do Garças; Juína; Sinop; Cáceres; Diamantino). Cada uma dessas unidades engloba vários municípios<sup>6</sup>.

---

6 Conforme a Equipe de Articulação das CEBs no estado, não há Comunidade Eclesial de Base na diocese de Diamantino. E hoje em dia a prelaia de São Félix do Araguaia integra o Regional Norte 3 da CNBB (junto com Tocantins e parte do Pará), mas em 2017, quando os dados foram coletados na cidade, pertencia ao Regional Oeste 2, que corresponde a Mato Grosso.



A seleção de atividades expostas aqui buscou evidenciar a diversidade dos locais de atuação das CEBs no vasto território de Mato Grosso, onde observamos vários formatos de organização comunitária: romaria martirial, em São Félix do Araguaia; reunião mensal, em Cuiabá; romaria ambiental, em Rondonópolis; e Encontro Anual, em Jangada.

Nesses formatos de organização, concentramo-nos em descrever e analisar duas práticas culturais bastante expressivas nas CEBs: o culto aos mártires e a mística. Observamos essas práticas durante inúmeras atividades, das quais selecionamos as efetuadas em quatro municípios, entre 2017 e 2020. Há alguns anos temos pesquisado a dimensão comunicacional das CEBs em suas práticas culturais, bem como realizado trabalho voluntário na área de comunicação popular.

A observação participante foi o principal procedimento metodológico na coleta de dados. Fizemos uso de caderno de anotações e do registro fotográfico. Também realizamos entrevistas não-estruturadas (pontuais) com participantes das atividades e consultas à internet para complementar esta etapa da pesquisa, sobretudo ao *site* nacional das CEBs e ao perfil do *Facebook* das CEBs da diocese de Rondonópolis-Guiratinga<sup>7</sup>.

No Encontro Regional em São Félix do Araguaia, o acompanhamento ocorreu desde os meses que antecederam sua preparação, por meio de participação em reuniões de planejamento, e também durante o evento, realizado de 7 a 10 de setembro de 2017. Contudo, para este artigo, nos concentramos na romaria martirial, realizada na noite de 9 de setembro de 2017, que foi um dos momentos da programação.

A coleta de dados quanto às atividades ocorri-

das em Cuiabá, Rondonópolis e Jangada repetiu o manejo de procedimentos metodológicos e, para esta publicação, dedicou-se a descrever e interpretar a ocorrência de místicas espirituais. Em Cuiabá, fizemos uma síntese das várias reuniões ampliadas das CEBs, as quais acompanhamos entre 2018 e 2020. No que diz respeito a Rondonópolis e Jangada, centramo-nos no transcurso dos eventos, em setembro e outubro de 2019, especificamente nos momentos de mística.

#### 4. Dimensão comunicacional nas práticas culturais

São diversas as práticas culturais das CEBs, observadas nos seus fazeres comunitários, assim como em reuniões e encontros de maior abrangência, em nível nacional e internacional. Nessas atividades, os participantes promovem momentos de reflexão balizados por análises conjunturais da realidade brasileira e internacional em concomitância com fruição espiritual manifesta pelo acesso e cultivo ao sagrado. Focamos a seguir em duas práticas culturais representativas do fazer das CEBs: o culto aos mártires e a mística.

##### 4.1. Culto aos mártires

O **culto aos mártires** atualiza-se na romaria martirial. Trata-se de uma caminhada, ritualisticamente lenta, realizada nos espaços urbanos ou em estradas e rodovias, com rezas e canções, na qual os membros das CEBs recordam de pessoas que foram mortas por sua atuação em defesa de grupos marginalizados, independentemente da concessão de grau de santidade pela instituição Igreja.

O ambientalista Chico Mendes, a sindicalista Margarida Alves, a política Dorcelina Folador e o indígena Simão Bororo são considerados alguns destes mártires. Líder seringueiro, Chico Mendes foi assassinado em 1988 em Xapuri, Estado do Acre, região Norte do Brasil. A morte da sindicalista rural Margarida Alves, a mando de latifun-

<sup>7</sup> Endereço do site: <[www.cebsdobrasil.com.br](http://www.cebsdobrasil.com.br)>. E endereço no Facebook: <<https://www.facebook.com/cebs.diocesederondonopolis-guiratinga/videos/768334223604899>>. Ambos acessados em: 30 mar. 2021.

diários, ocorreu em 1983 em Alagoa Grande, no Estado da Paraíba, Nordeste do país. Líder sem-terra e prefeita de Novo Mundo, Dorcelina Foador foi morta em 1999 no Estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste. O assassinato de Simão Bororo ocorreu a mando de fazendeiros em 1976 em Mato Grosso, Centro-Oeste, por ele defender a demarcação de terras aos indígenas.

No imaginário jornalístico brasileiro, Mato Grosso integra uma região que desde os anos 1970 fornece matéria-prima a uma demanda mundial por produtos de origem vegetal, em especial a soja, com problemas econômicos, sociais e ambientais decorrentes de tal modelo de desenvolvimento.

A romaria martirial se presta a um exercício de fazer memória, numa constante cultural que estabiliza a condição do ser religioso. Porém, como não se orienta pelo regramento oficial da Igreja, percebe-se uma proximidade maior entre participantes e figuras recordadas na caminhada.

Os mártires são vistos e tratados como pessoas, e não seres inalcançáveis, em parte das vezes contemporâneos de muitos participantes das marchas. Em uma perspectiva ritual, os integrantes das romarias martiriais valem-se do que Meira (2016, p. 33) chama de “estética da fé pelas mãos do povo das CEBs”, que traz no bojo um fazer artístico e poético e é produzida no contexto de um forte sincretismo cultural.

Notamos esta busca pela expressividade nos moldes de uma efervescência comunicacional durante a caminhada ocorrida em setembro de 2017 no município de São Félix do Araguaia (Nordeste do Estado de Mato Grosso), local historicamente caracterizado pelo conflito pela terra. A atividade integrou o 14º Encontro Regional das CEBs, mais recente edição do evento, já que ocorre a cada quatro anos<sup>8</sup>. O encontro contou

com cerca de 700 pessoas e a maioria participou da caminhada.

O bispo emérito da prelazia de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, um dos grandes incentivadores da memória martirial de defensores de causas sociopolíticas, culturais e ambientais na América Latina, esteve em alguns momentos do evento, porém não participou da romaria por conta de seu estágio já avançado de Parkinson.

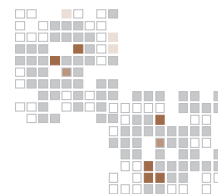
Casaldáliga foi uma das maiores referências religiosas e sociais na região do Araguaia mato-grossense quanto à luta em defesa de posseiros, indígenas, mulheres e da população pobre em geral diante da investida do latifúndio. Tornou-se símbolo de apoio às causas populares na América Latina. Casaldáliga faleceu aos 92 anos em agosto de 2020.

Na romaria martirial em São Félix do Araguaia foi possível observar pessoas usando chapéus de palha nordestinos, cocares indígenas, boinas em verde, vermelho, amarelo e preto, referindo-se ao movimento negro, representado ali pela visualidade do bloco Olodum. Crianças, adolescentes, adultos e idosos. Ladeados, fiéis, padres, freiras, bispos e indígenas. Violões, tambores, pandeiros e chocalhos e microfones amplificados por uma caixa de som. Velas pequenas nas mãos dos participantes, um círio (vela grande) comum em missas solenes, incenso, tochas, túnicas com motivos afro. Leitura bíblica e encenações teatrais.

Essa complexidade ritualística e diversidade cultural subentende várias camadas simbólicas em que a comunicação transparece. No mínimo, envolve o planejamento por parte da equipe organizadora do encontro e a experiência dos integrantes quanto a uma prática cultural-religiosa nos moldes das CEBs.

No caso da preparação da romaria martirial em São Félix do Araguaia, o trabalho concentrou-se em roteirizar a caminhada e garantir a conexão entre o típico tom espiritual destas marchas com

<sup>8</sup> Houve uma tentativa de antecipar o encontro para 2020, mas isto não foi possível por causa da pandemia de Covid-19.





a temática do encontro regional (“CEBs e os desafios do mundo urbano em Mato Grosso”). Essa tarefa consistiu, por exemplo, em definir o período da marcha (noturno) e os momentos demarcadores de sua realização, bem como garantir o aparato técnico e alegórico capaz de possibilitar a ambiência necessária à atividade, com a disponibilização de carro de som, estandartes com figuras de mártires, músicos e textos escritos para orientar as reflexões.

A romaria foi sinalizada com uma abertura, composta por encenação teatral e leitura bíblica. Em seguida a caminhada transcorreu em meio a várias paradas, para refletir sobre a realidade do país e fazer memória dos mártires referentes às questões indígena, da mulher, da população negra, da terra, da ecologia, dos operários, das crianças e da juventude.

Durante o trajeto havia uma constância entre músicas do cancionário das CEBs – religiosas e típicas de várias regiões do Brasil –, orações tradicionais (como Pai-Nosso e Ave-Maria), leituras e comentários reflexivos (com menções a trechos bíblicos, poéticos e análises de conjuntura). O término da romaria foi às margens do Rio Araguaia, numa faixa de areia semelhante à de praia, com o acendimento de uma fogueira, distribuição de doces e troca de abraços, em sinal de confraternização.

O propósito dessa descrição só tem sentido se for tomada em coexistência com a participação ativa das romeiras e romeiros, por seu envolvimento espiritual e performático. Por isso, na ocorrência própria da marcha, notamos ações planejadas sendo complementadas ou alteradas de improviso, demonstrando um senso de cooperação e criatividade embutido no fazer cultural. Isso pode ser visto, por exemplo, quando iniciava-se um silêncio entre uma música e outra e, rapidamente, um participante entoava uma oração ou uma nova canção, que logo era acompanhada pelos demais.

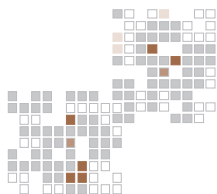
O senso cooperativo mencionado significa também a construção de uma obra que vai se fazendo num processo coletivo. Algo mediado por experiências de vida, práticas religiosas tradicionais, expertise de uma lida mais específica – ligada ao modo de ser das CEBs – e pela vivência exercitada no ato de participação.

Sendo assim, a diversidade de elementos culturais expressa pelos estandartes de mártires, tipos de chapéus, estampas de camisetas, objetos litúrgicos, entre outros, representa não só um trabalho organizativo da equipe de coordenação e uma sintonia de objetivos dos participantes em geral. Significa também uma forma poderosa de exibição pública, na medida em que as pessoas projetam-se com uma potência estética diferente do que exercitam em seu cotidiano e, ainda, do que vivenciam no formato do catolicismo oficial, mais dado à feição litúrgica do que à autonomia das práticas populares.

#### 4.2. Mística

A complexidade ritualística e cultural da mística é vista em inúmeras atividades recorrentes nas CEBs em Mato Grosso, como as reuniões mensais das lideranças da arquidiocese de Cuiabá. Os encontros são realizados nos espaços disponíveis, seja uma sala, um salão, um templo de igreja ou debaixo de uma árvore. Os integrantes colocam-se em círculo, que simbolicamente conota a horizontalidade das relações, acionando, em perspectiva comunicacional, um dispositivo dialógico e afetivo, retroalimentado pela proximidade física e por ações coletivas.

Na parte interna da roda monta-se o que se chama de “altar no chão”, composto de elementos diversos, dispostos pelos participantes. Entre os mais comuns estão tecidos coloridos, cartazes de movimentos populares, imagens de santas e santos, bandeiras de pastorais sociais, bíblia, livros de CEBs, instrumentos musicais, flores, fotos de lideranças políticas e religiosas.



O “altar no chão” dialoga com a “espiritualidade libertadora”, por ser um símbolo de fé posto ao alcance de qualquer pessoa e aberto à contribuição de cada uma. Destituído da sacralidade hierárquica garantida pelos degraus na igreja, este altar se converte num ente constituível, conforme uma ação coletiva. Acaba por ser resultado dos objetos que trazem nas mãos os participantes do encontro. Ao final da atividade o “altar no chão” é desfeito, mostrando uma relação de interdependência entre evento e aparato.

A reunião começa “de fato”, com um momento de **mística**, que poderia, grosso modo, ser chamado de “oração inicial”, não fosse sua complexidade ritualística em grande parte das vezes. De forma geral, essa prática da mística conjuga a introdução do tema da reunião, cantos de animação e meditação, leitura bíblica, abertura de espaço para que as pessoas opinem sobre o texto e fechamento com uma síntese em forma de fala ou nova canção. Esse momento alterna e intercambia instantes de ludicidade, racionalidade, introspecção e evocação espiritual.

Os comentários à leitura bíblica correspondem à “partilha da palavra” e buscam “trazer uma realidade ou uma pessoa” ao encontro do texto proclamado, fazendo deste instante um espaço de cumplicidade. Pululam lembranças de amigas e amigos, histórias pessoais, momentos sociais marcantes, situações dramáticas, assim como a projeção de esperanças e ideais.

Dessa maneira, podemos dizer que a mística é uma prática cultural capaz de manifestar, com densidade, a espiritualidade característica das CEBs. Em compasso com o tom democrático e participativo explicitado pela socialização e pela produção verbal (linguística), esta prática cultural reverbera um estado de interioridade afeito à sociabilidade e ao extralinguístico. Pois gesta-se também no silêncio da meditação, nas palavras apenas sussurradas, nas mentalizações de olhos fechados, na emotividade manifesta nos cantos e

avolumada na produção de gestualidade, geralmente com os braços e as cinturas, mas também com os sorrisos e meneios de aprovação.

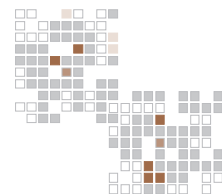
A mística tende a ser bastante plástica no uso de materiais físicos, na mobilização de aparato subjetivo e recursos epistemológicos, podendo ocorrer em diferentes momentos de reunião, bem como nas demais ações das CEBs.

Pode valer-se de um abraço simbólico a cursos d’água, como aconteceu em 29 de setembro de 2019 às margens do Rio Vermelho, na confluência com o Córrego Escondidinho, num acampamento sem-terra, na zona rural de Rondonópolis (Sudeste de Mato Grosso), região marcada pela degradação ambiental. A atividade fez parte da Romaria Franciscana em Defesa do Bioma Cerrado e somou-se à plantação de mudas de árvores e reflexões sobre a conscientização ambiental.

Diferente do que em geral ocorre nas reuniões de lideranças das CEBs na arquidiocese de Cuiabá, a mística realizada na Romaria em Defesa do Cerrado encerrou simbolicamente o evento, ainda que em seguida tenha havido um almoço comunitário e apresentações artísticas. Assim, o “abraço” ao rio/córrego trouxe uma síntese da caminhada, da realidade socioambiental regional e de princípios relativos à sintonia humano-natureza.

O abraço, gesto tanto concreto quanto conotativo na situação referida, desenrolou-se num ambiente físico cercado por águas e mata ciliar, num clima tropical de alta temperatura (acima dos 30°). Nesse sentido, para além de remeter o espírito e a razão a um apelo ecológico, a mística fez-se num ambiente de consciência da realidade e evocativo de subjetividade. O toque corporal, pelo abraço, e o senso de estar no terreno pelo qual se reclamava defesa abriu a possibilidade de uma ampla conectividade sensorial-espacial.

Mencionamos outro exemplo ainda de mística, no intuito de demonstrar a plasticidade desta prática cultural nas CEBs. Agora recorreremos à



formação de um círculo, nos moldes de um caracol, em que pessoas acompanham uma música a partir de um som mecânico, balançam os corpos lateralmente e tocam-se nos ombros, em sinal de cuidado solidário. Foi o que registramos no Encontro Interdiocesano das CEBs Cuiabá-Cáceres, de 18 a 20 de outubro de 2019, realizado no município de Jangada (a 75 quilômetros da capital Cuiabá), cuja maioria da população vive na zona rural.

Essa mística encerrou uma das noites do evento e centrou-se no público jovem, expressando o empenho contínuo das coordenações das CEBs em estimular a renovação de seus participantes. A organização desse momento também foi uma forma de reconhecer o ativismo de alguns grupos de jovens católicos da diocese de Cáceres e da arquidiocese de Cuiabá baseados na “espiritualidade libertadora”. Portanto, a mística trouxe uma intencionalidade objetiva, que ganhou intensidade e produziu sentido na medida em que o conjunto de participantes performou uma abstração.

## 5. Principais resultados e reflexões finais

As práticas culturais nas CEBs denotam, na interface entre comunicação e cultura, as nuances do que pode ser o campo comunicacional em sua amplitude e complexidade. Os rituais da comunicação, concebidos como equivalentes, análogos ou transcendentais das práticas culturais, ponderam considerar os modos de expressão como processos comunicacionais dos setores populares.

O culto aos mártires, em sua denotação política, cultiva simbolicamente a memória de pessoas que investiram suas vidas na defesa dos direitos civis das populações marginalizadas. As místicas

evidenciam a abertura à inscrição individual no âmbito do coletivo, atualizando uma noção de vida comunitária.

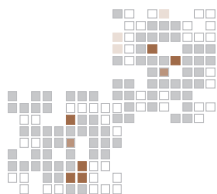
Culto aos mártires e místicas – práticas constituintes das CEBs –, sugerem considerar os modos de expressão performativos, visualmente atualizados no corpo de cada fiel. Comunicação como ritual, portanto, compreende o que se cria no espaço e se repete no tempo, práticas culturais que constituem comunidade.

Nem moderno nem arcaico, estas manifestações culturais que se dotam de construção de sentido sinalizam para a criação de distintos modos de vida que não engrenam na modernidade dos acontecimentos (a ponto de produzir o futuro) e nem asseguram o valor das memórias produzidas (para ter um porto seguro no passado).

Nas CEBs, as práticas culturais evidenciam a expressão possível como criação simbólica no âmbito das culturas populares. Como consequência, constituem também um modo de vida que não restringe sua eficácia simbólica à visibilidade no campo comunicacional.

Um funcionamento discreto, subterrâneo, à margem da existência midiática, por isto mesmo eficaz à sua maneira, construção de uma espacialidade e um ritmo próprios, desenvolvendo práticas culturais potencialmente produtoras de sentido e de vinculação social.

Este é um aspecto da cultura contemporânea como condição de produção de sentido, considerando o amplo campo da Comunicação, que faz das CEBs um foco inventivo gerador de conexões com outros estratos da vida política, o que inclui os diversos movimentos relacionados à promoção da cidadania e à reinvenção da subjetividade.



## Referências

- BARBOSA, José Dilson de Almeida. *As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs: nas décadas de oitenta e noventa em Cuiabá – Mato Grosso. Espaço popular de construção de cidadania?* 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.
- BEOZZO, José Oscar. *A igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CAREY, James William. *Communication as Culture: essays on media and society*. New York: Routledge, 1992.
- DOMEZI, Maria Cecília. *A Devoção nas CEBs: Entre o Catolicismo Tradicional Popular e a Teologia da Libertação*. 329 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Estudos Pós-Graduados de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- FONSECA, João. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- GOHN, Maria da Glória. *Participação e democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos do pós-junho de 2013*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- GUSHIKEN, Yuji. A emergência do pensamento latino-americano em Comunicação. *Rev. Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 3, n. 8., p.73-91, nov. 2006. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/81>>. Acesso em 20 set. 2020.
- KUNSCH, Waldemar Luiz. A Comunicação Eclesial Católica nos Programas Brasileiros de Pós-Graduação em Comunicação. In: Congresso Brasileiro da Comunicação, 24, 2001. Anais do Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande (MS): Uniderp, UCDB e UFMS, 2001, p. 1-14. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP12KUNSCH.PDF>>. Acesso em: 22 set. 2020.
- LACHOWSKI, Gibran; GUSHIKEN, Yuji. Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): política e cultura no projeto social do bem viver: um estudo em Cuiabá-MT. In: VIII CONINTER. *Anais do VIII CONINTER*. Maceió (AL), Unit/AL, 2019. Disponível em: <[https://www.even3.com.br/anais/coninter2019/177735-COMUNIDADES-ECLSAIS-DE-BASE-\(CEBS\)--POLITICA-E-CULTURA-NO-PROJETO-SOCIAL-DO-BEM-VIVER--UM-ESTUDO-EM-CUIABA-MT](https://www.even3.com.br/anais/coninter2019/177735-COMUNIDADES-ECLSAIS-DE-BASE-(CEBS)--POLITICA-E-CULTURA-NO-PROJETO-SOCIAL-DO-BEM-VIVER--UM-ESTUDO-EM-CUIABA-MT)>. Acesso em: 23 set. 2020.
- LIMA, Venício Artur de. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.
- LOCKS, Geraldo Augusto. *Grupos de família: “o modo de ser CEB” em Lages, SC*. 394 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- LÖWY, Michel. *Marxismo de Teologia da Libertação*. São Paulo: Cortez, 1991.
- MALVEZZI, Roberto. As CEBs no Semiárido. In: OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sergio; RODRIGUES, Solange (Orgs.). *CEBs e os desafios do mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 147-162.
- MARINS, José. *Fomos a um Concílio: a surpresa do Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- MEIRA, Elinaldo. A estética da Fé pelas mãos do Povo das CEBs. *Rev. Vida Pastoral*, São Paulo, v. 58, n. 358, p. 31-36, nov-dez, 2017.
- MENEZES, Daniel Higino Lopes de. *CEBs e Redes de Comunidades: abordagem teológico-pastoral a partir de Faustino Teixeira e do material dos Encontros Intereclesiais das CEBs*. 141 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: \_\_\_\_\_. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-29.
- OTRE, Maria Alie Campagnoli. *A pesquisa acadêmica sobre comunicação popular, alternativa e comunitária no Brasil: análise de dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação entre 1972-2012*. 263 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015.
- SOUZA, Edmilson Rodrigues de. *A luta se faz caminhando – Sacralização de lideranças camponesas e indígenas assassinadas em contextos de conflito de terra no Brasil*. 238 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *A Gênese das CEBs no Brasil: elementos explicativos*. São Paulo: Paulinas, 1988.

